

**RAMÓN PASCUAL MUÑOZ SOLER**

**DA AMÉRICA PROFUNDA  
À NOVA HISTÓRIA DAS ORIGENS**

“O Pensar na América”

Traduzido por Edelweiss Blanes Martinez



# DA AMÉRICA PROFUNDA À NOVA HISTÓRIA DAS ORIGENS

## Continuidade/Descontinuidade da História

Se para uma filosofia da história, enraizada no pensamento de Rodolfo Kusch, partirmos da base de uma “continuidade do passado americano no presente”, não será menos certo que, para um “pensar na América” - que possa interpretar a mensagem que vem do futuro - necessitaremos de um giro epistemológico que nos permita aceder a uma “nova história das origens”. Esta trans-posição da seta do tempo, que nos leva do mundo das ideias ao espaço onde se “revelam” as ideias, é a nota chave que faz audível a Voz profética que anuncia o nascimento de um novo Sol.

Se antes de pensar na América nos colocarmos na atitude de ouvir o sussurro que comove a alma da América, já não podemos falar das “origens”, em termos da história que conhecemos até ontem - já seja a história do descobrimento, a história da mestiçagem ou a história da colonização. Nem sequer podemos falar das “origens” em termos geotectônicos, cosmogônicos ou míticos, senão que temos que aventurar-nos a de-velar a “nova origem” da História. Em outras palavras, para decifrar o código secreto do novo continente americano (seu código de origem) já não é suficiente pensar na América dentro do marco da continuidade histórica, senão que se faz necessário entrar em ressonância com o “acontecimento inicial” que rompe a simetria do tempo histórico e marca a "origem" de um tempo diferente.

Duas datas fundacionais:

12 de outubro de 1492, batismo de água. Foram os homens brancos que vieram do mar, nova geometria da Terra, novo código genético.

16 de julho de 1945, batismo de fogo. hierofantes da nova era abriram um recinto selado, o equilíbrio cósmico havia mudado, entrava em jogo uma nova lei.

## **Cerimonial de fogo, na terra da América**

Teilhard de Chardin captou de imediato o efeito espiritual do acontecimento: “Pela primeira vez, havia ardido sobre a Terra um fogo atômico...”.

“Mais brilhante que mil sóis”, exclamava alguém: o que havia ocorrido? Só um experimento teórico? Algo mais, uma cerimonia de iniciação! A iniciação cósmica da humanidade novamente, como na psicologia do índio Pachacuti - descrito por Rodolfo Kusch - o homem se encontrava em um “ambiente terrorífico e tremendo”: por um lado, o poder da ciência e da técnica, por outro “a ira de Deus”. Nova aliança entre o céu e a terra. A consciência humana já não era a mesma.

## **Dimensão energética da mensagem do novo signo do tempo**

Para “pensar na América”, no contexto do novo signo do tempo, já não é suficiente uma filosofia das ideias, senão que se requer o conhecimento de uma “energética dos valores”. A mensagem emergente que funda a nova história (“*Ursprung*” em termos de Jean Gebser) não é ideológica, mas “vibratória”. O “acontecimento inicial” rompe a matéria do mundo e deixa sua pegada invisível na alma do homem. Uma nova “caminhada de Deus sobre o mundo”, como diria Rodolfo Kusch? A luz da nova mensagem descobre a sabedoria da América Profunda, mas não só como mito ou como lenda, mas como palavra viva que o mundo pronuncia de novo.

## **Os novos mensageiros dos deuses, ou dos Prot-agonistas da nova história**

As diferentes expressões que utilizamos até agora para caracterizar o processo historicocultural da América se mostram equívocas e encobridoras - e não são suficientes para um “pensar na América” como modo simples de apreender os valores fundantes da nova história das origens.

América do Norte ou América do Sul, América hispânica ou América anglo-saxônica, América branca ou América negra, América católica ou América protestante, são todos termos que refletem uma antiga história, mas nenhum deles é palavra adequada para expressar a “unidade de sentido” da mensagem da América.

E quem dá nome à América nascente?

Já não são os “pais fundadores” e sim, os “filhos sem pais” (Margaret Mead, a notável antropóloga americana, foi a primeira que se deu conta de que estava chegando uma nova geração de filhos sem pais).

Eles são os Prot-agonistas da nova história! São aqueles que se adiantam ao tempo e são vítimas do tempo! Conformam a vanguarda da civilização que vem.

## **Quando a “ira de Deus” é substituída pela “ira do homem”**

Marquemos uma nova data na "caminhada de Deus no mundo": 1968. Comoção estudantil da década de 60. Dos *campus* de Berkeley ao maio francês e à Revolução Cultural Chinesa. Onda expansiva de um novo fenômeno humano que havia sido profeticamente anunciado por um Teilhard de Chardin e por um Jean Gebser. A explosão desta nova consciência foi tão inesperada e se difundiu com tanta rapidez que, como diz Charles Reich em seu livro “*The Greening of America*” (O Reverdecer da América) - *best seller* dos anos 70 nos Estados Unidos - muitos o viram como uma “conspiração”. E assim foi tratada. Viu-se claramente a crista de uma onda de violência, mas não se percebeu a raiz da mensagem que fluía da vida profunda da juventude. O poder político não soube perceber os novos signos do tempo: uma poderosa energia humana se havia liberado subitamente no planeta. Foram apaziguados os claustros, mas a violência explodiu em outro lugar e de outra forma.

E agora o quê?

Agora nos encontramos novamente ante a “ira de Deus”, mas com uma diferença. Já não é o medo ante as forças de uma natureza virginal (o trovão, o raio, o relâmpago) e sim o espanto, ante a ira de uma natureza profanada. Os “personagens que encarnam o aspecto negativo do universo” (nas palavras de Rodolfo Kusch) já não se chamam Carhuincho, Makuri ou os senhores de Xibalbá, mas “poder atômico”, “droga”, “AIDS”, “desequilíbrio ecológico”, “poder econômico-financeiro”. São os mesmos senhores da sombra, com outras máscaras, mas com o mesmo poder!

## **Ante um novo desafio**

A rebelião da juventude foi esmagada, o preço do sangue e dos desaparecidos foi muito alto. Ontem foi “A noite dos lápis”, hoje o massacre da Praça Tiananmen. Alguns jovens tentaram a revolução pacífica e se reuniram em comunidades (mais de 2000 nos EUA, na década do 60). Mas a maioria delas não pôde resistir à pressão do ‘sistema’. E a revolução social? A luta revolucionária pela soberania política, a independência econômica e a justiça social tiveram expressões muito nobres, em diferentes povos da América. Mas, a “contrarrevolução” ainda que previna do poder opressor ou do próprio movimento revolucionário que incorpora o opressor, muitas vezes trai as causas mais nobres. E a consciência social conquistada não é suficiente para “equilibrar os opostos que dividem o mundo” (que, nas palavras de Rodolfo Kusch, é a tarefa que nos espera). Che Guevara se dá conta de que a ação revolucionária para o desenvolvimento da consciência social tem seus limites. Em uma carta dirigida ao diretor do Semánario “*Marcha*”, de Montevideú (1965), Che, referindo-se ao “trabalho voluntário” - uma das chaves para a integração de valores na nova sociedade cubana - diz o seguinte: “Ainda existem no homem, aspectos coativos no trabalho, ainda que seja voluntário. Ainda lhe falta chegar à completa re-criação espiritual ante sua própria obra, sem a pressão direta do meio social, mas ligado a ele por novos hábitos”. Quando o Che compreende que é necessário transitar da consciência social à consciência espiritual - ou melhor, quando se dá conta de que para alcançar a plenitude da consciência social é necessário dar um salto

em direção à consciência espiritual - considera terminada sua missão como ministro das indústrias em Cuba e escolhe outro caminho: era o caminho do “sacrifício”.

## **O sacrifício cotidiano dos inocentes**

A dialética marxista-leninista havia chegado a seu fim. Para o “novo mundo ameaçador da ira de Deus”, simbolizado pelos poderes de “droga”, “AIDS”, “efeito estufa”, “poder atômico”, “corrupção econômico-financeira”, já não era suficiente o “jejum”, nem as “cidades amuralhadas” - nem a filosofia política nem a tecnologia de ponta. Agora, nos encontramos de novo à intempérie, de novo ante “a ira de Deus” (para utilizar a feliz expressão simbólica de Rodolfo Kusch). Alguns, no entanto, pensam que ainda estamos em tempo. Que, se o jejum, a psicanálise, o marxismo ou a revolução social não nos salvarem, ainda podem salvar-nos as “tecnologias transcendentais” (como as chama o filósofo americano Thomas Berry), as quais, enquanto “mensagem de salvação”, viriam a substituir o Deus transcendente, expulso do panteão pelo pensamento técnico. Porém, isto é outra ilusão, talvez a última, porque o desequilíbrio planetário que hoje sofremos nos mostra claramente que a ciência moderna não pode controlar seus próprios resultados.

O “pensar na América” já não passa pela filosofia, a política ou a técnica, mas pelo “sacrifício” (descenso “*ad inferus*”, para conectar os arquétipos celestes com a seiva da terra). Como diz Rodolfo Kusch, “pensar na América” é realizar por dentro o “homem total”, a síntese de valores materiais e espirituais, o “germe” que se aninha na matriz da América Profunda. Esta é a mensagem viva da América para o mundo.

O sacrifício é o fracasso das formas, o fracasso dos condutores, o fracasso do fruto que se converte em semente. Os movimentos estudantis deveriam fracassar, e deveriam fracassar as comunidades “hippies”, e deveriam fracassar as revoluções políticas... Porque a hora cósmica era diferente. Já não era suficiente o ideal para sustentar a vida: agora se fazia necessária a vida para sustentar o ideal.

Ante o fracasso da direita, da esquerda e do centro (como define Rodolfo Kusch em seu livro “*A negação no pensamento popular*”), isto é, ante o fracasso das formas defensivas impostas por uma cultura não autêntica, aparece o “esquema do sacrifício como única forma de autenticidade” (são palavras do próprio Kusch). E este “sacrifício” é a experiência profunda que estamos vivendo hoje, já não como sacrifício do herói mítico, mas como padecer concreto do povo ritualizado - no sacrifício cotidiano dos inocentes. É a “*corruptio*” da matéria humana levada até suas últimas consequências (a “implosão de massa”, de que fala o sociólogo francês Jean Baudrillard), um passo necessário no ritual de iniciação cósmica da humanidade.

### **A guerra arquetípica do novo signo do tempo, ou da mensagem da América para o mundo**

Desencadeou-se no planeta uma estranha forma de guerra, já não lutam só os homens, mas os deuses e os demônios. Luta arquetípica, mais parecida à guerra do Mahabharata do que às revoluções sociais e políticas que conhecemos até agora. A nova mensagem é uma “luz invisível”. Revela-se por dentro como impressões primordiais “que não têm registro na memória coletiva” e se manifesta por fora como “poder da sombra”. A luz que ilumina a consciência nos altos cumes da mística e da ciência desce até o “*mûlâdhâra* da antiga fé” (como diria Rodolfo Kusch), circulando pelos “chakras” do planeta, como energia cósmica humanizada. A mensagem já não vem de fora, mas de dentro, e a América o sabe, com uma sabedoria que vem de séculos: “*Ukhu Ukhamantapacha América*”. E o sabe a nova geração de almas livres que se retira à morada secreta do coração. Migração silenciosa para dentro, em direção às comunidades místicas preservadas nos montes, nos vales e nas selvas da América Profunda (“não havia lugar para eles na pousada”, como diz o Evangelho). Uma longa caminhada para dentro, a nova “gesta” da civilização que vem! A missão da América, sua mensagem para o mundo, é criar um “polo de interioridade/expansiva” que “equilibre - desde dentro - os opostos que dividem o mundo”. É a mensagem de Rodolfo Kusch, nosso compromisso com os homens e as mulheres que vêm.